



Fotograma de *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos* (2018), Brasil/Portugal, Renée Messorra e João Salaviza.

No mês em que estreia em Portugal o filme *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos*, de Renée Messorra e João Salaviza, damos destaque ao conjunto da obra cinematográfica deste autor português.

Assinalamos igualmente as atividades desenvolvidas no âmbito de vários de projetos que têm como público-alvo as escolas, com destaque para o *Programa Crianças Prime1rº* e as Oficinas de Cinema com Abi Feijó, ambos na área do Cinema de Animação. Salientamos também parcerias bem-sucedidas que as escolas estabelecem com diversas entidades, com vista a promoverem atividades cinematográficas para o público escolar, como é o caso da parceria com o Festival Internacional de Cinema Ambiental da Serra da Estrela – CineEco. Por fim, divulgamos dois novos projetos de interesse para as escolas, em que é valorizada uma dimensão mais literária do cinema, motivando os mais jovens para o universo da cinefilia.

A PROPÓSITO DO ÚLTIMO FILME DE RENÉE MESSORA E JOÃO SALAVIZA...

O trabalho de João Salaviza é tema de destaque neste número de março, mês em que vai estrear em diversas salas de cinema o filme *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos*, de Renée Nader Messori e J. Salaviza. Com dois filmes de curta-metragem desde há vários anos recomendados pelo Plano Nacional de Cinema (*Arena*, de 2009, e *Rafa*, de 2012), a obra cinematográfica de João Salaviza constitui-se como um tipo de cinema singular: afirma-se como contraponto a estereótipos, recusa distinções fáceis entre ficção e documentário, curtas-metragens e longas-metragens¹, não se limita às premissas iniciais de um guião, reinventa a noção de paisagem e de real², afirma uma confiança instintiva nos elementos encontrados durante a pré-produção e produção do filme, e, embora compreenda a necessidade de «dominar» uma linguagem mais ou menos *standard* do cinema, desacredita de muitos processos aprendidos na escola de cinema e defende modos alternativos de produção. É um cinema que mexe connosco de formas muito subtis, estética, ética e politicamente. E que assume fazer retratos de uma juventude na qual o cineasta procura encontrar um sem número de subtis mudanças corporais, no meio de aparentes atavismos, pressões e silêncios, e evidenciar arcos de evolução no comportamento humano³.



Fotogramas: *Arena*, *Rafa*, *Montanha*, *Altas Cidades de Ossadas*, *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos*.

¹ Dias, Vanessa de Sousa – Entrevista a João Salaviza. In: Mendes, João Maria (coord) (2011) - *Novas e Velhas Tendências do Cinema Português*. Disponível em: https://www.academia.edu/3828856/Novas_and_Velhas_Tend%C3%Aancias_no_Cinema_Portugu%C3%AAs_Contempor%C3%A2neo

² Parracho, Mariana Ligeiro (2016) - *A Melancolia na arquitetura a partir do cinema português*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Coimbra: FCTUC. P. 283 e p. 293.

³ Gonçalves, Flávio (2012) – ‘Os milagres que acontecem no cinema de João Salaviza’. Disponível em: <https://osetimocontinente.blogspot.com/2012/06/>

A mudança funciona como uma excelente porta de entrada no cinema dum autor que afirma que só consegue filmar pessoas com quem no final do dia lhe apeteça ir beber uma cerveja, e que considera que a câmara de filmar se torna uma responsabilidade⁴ a partir do momento em se dispõe a descortinar a natureza das pessoas que filma. Tudo parece começar por aí.



Fotograma: *Montanha*

«Isto de filmar tem muito a ver com a natureza das pessoas que colocamos à frente da câmara.»⁵

«... cada plano é mesmo muito trabalhado. Tenho imensa dificuldade em ligar a câmara se não sentir o que se está a passar. Fazer um filme passa por escrever com imagens, com luz, com sombras... ter o *plateau* como um espaço de descoberta.»⁶

⁴ Branco, Miguel (2015) – Entrevista a João Salaviza. *Jornal I*, 18 nov. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/481041>

⁵ Mendes, José Vieira (2015) – Entrevista a João Salaviza, 18 de novembro. Revista *Visão*. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/cultura/2015-11-18-Joao-Salaviza-Apeteceu-me-que-Montanha-virasse-as-costas-ao-Pais-como-o-Pais-vira-as-costas-a-estes-miudos>

⁶ Entrevista a João Salaviza. *Jornal Sol*, 18 novembro de 2015. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/481105/joao-salaviza-acabo-sempre-por-filmar-manifestacoes-de-solidao>

Esta abordagem ética, de uma procura constante de intensidade física e de relações estabelecidas com o meio geográfico e urbanístico, parece acompanhar a necessidade de Salaviza nos falar de uma mudança de paradigma cultural, interno e externo. E fala-nos com imagens e sons. Se esta ideia tão especial de ver o cinema como um espaço de trabalho, aprendizagem e de autoconhecimento nos evoca emotivos testemunhos de Werner Herzog, ao vermos o cinema de Salaviza lembramo-nos também de *O Hipopótamo de Deus*, de José Tolentino de Mendonça, que nos devolve a noção de criação, não enquanto entidade acabada, mas que se move continuamente no espaço e no tempo, numa atitude de escuta, ampliando-se e querendo libertar-se⁷. Tolentino de Mendonça fala de «abrir a medida do olhar a tudo o que não parece ter grandes respostas para nos dar» e do mistério da escolha do Bem.

É isso que encontramos em Salaviza.



Fotograma: *Montanha*

Em primeiro lugar, o autor de *Rafa* aborda episódios realistas, focados numa juventude urbana ou suburbana, desenraizada e frágil, mas que consegue definir percursos de alteração interna. Veja-se o caso de *Rafa*, uma espécie de fábula de crescimento sintetizada num só dia, como viu Manuel

⁷ Diz-nos Tolentino de Mendonça: «Isaac de Nínive, lá pelos finais do século VII, ensinava: “A palavra é o órgão do mundo presente. O silêncio é o mistério do mundo que está a chegar”. Creio que é absolutamente urgente revisitarmos com outro apreço os territórios dos nossos silêncios e fazermos deles lugares de troca, de diálogos, de encontros. O silêncio é um instrumento de construção, é uma lente, uma alavanca. (...) Somos analfabetos do silêncio e esse é um dos motivos porque não sabemos viver na paz. (...) Mas para isso precisamos de uma iniciação ao silêncio, que é o mesmo que dizer uma iniciação à arte de escutar. In: Mendonça, J. Tolentino de (2014) – *O Hipopótamo de Deus – Quando as perguntas que fazemos trazem mais do que as respostas provisórias que encontramos*. Lisboa, Edições Paulinas, pp.45-6.

Halpern⁸. Rafa, a criança-adolescente, deixa a sua aldeia suburbana, atravessa uma ponte e arrisca-se na grande cidade, transformando-se num homem da família. É como um ritual de iniciação, de passagem para a idade adulta. Quando o filme acaba temos a noção de que alguma coisa mudou e aquele rapaz está agora mais preparado para a vida.⁹ Mas o mesmo parece acontecer em *Montanha*, já que, no final do filme, David toma conhecimento da morte do avô, e, de forma protetora, deixa para mais tarde a transmissão dessa má notícia à mãe.

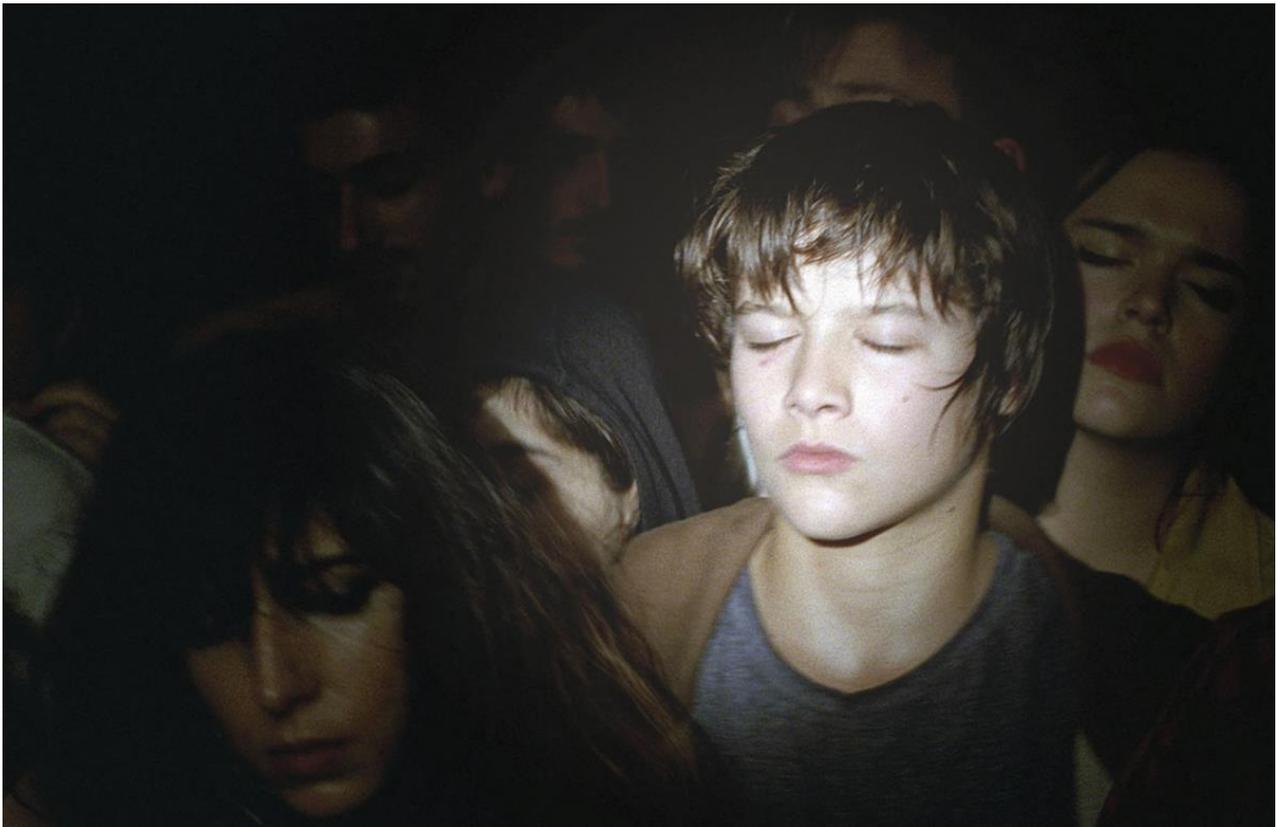
Parece, portanto, haver uma situação de «prisão» inicial que interessa a Salaviza, uma prisão que é a do conflito do ser humano consigo mesmo e com entidades maiores do que ele, mas que é capaz de descobrir dentro de si forças transformadoras. O que importa é a descoberta do lado mais oculto de uma geração que se tem pretendido enquadrar institucionalmente em programas de prosperidade, empreendedorismo e/ou normalização de comportamentos face a uma sociedade «moderna» (como em *Chuva...*), e que quer escapar a isso, ou quer contornar isso. Esta vertente está igualmente no cerne da obra de Salaviza.

«... assustam-me sempre os filmes que toda a gente se ri e chora no mesmo momento. É porque o filme propõe uma leitura homogénea do mundo. O cinema não pode oferecer só uma verdade. O cinema propõe coisas, faz perguntas, provoca a realidade. Não pode ser dogmático, nem deve servir para ilustrar uma moral sobre o mundo.»¹⁰

⁸ Halpern, Manuel (2012) - 'Rafa: uma enorme curta'. Revista *Visão*, 8 de maio. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/cinema/estadocritcio/rafa-uma-enorme-curta=f663230>

⁹ Halpern, Manuel – Idem.

¹⁰ Entrevista a João Salaviza. Jornal *Sol*, 18 novembro de 2015. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/481105/joao-salaviza-acabo-sempre-por-filmar-manifestacoes-de-solidao>



Fotograma: *Montanha*

Ninguém é capaz de garantir a essa geração que vai tudo correr bem e que vão alcançar os seus objetivos. Ao mesmo tempo há uma coisa que acho fascinante nessa geração, que é um desejo de viver a vida com uma intensidade indiferente às expectativas de um futuro organizado e próspero.¹¹

Em segundo lugar, também já se pressentia que o cinema de Salaviza propõe um novo pensamento sobre a relação com a paisagem, como viu Helena Pires, e cita *Blow Up – História de um Fotorógrafo* (1966), de Antonioni, onde a experiência pessoal com uma paisagem vivida (e não meramente decorativa) aparece como um dado fundamental. Pensamos, por isso mesmo, em *Arena*, em *Rafa* ou em *Montanha*. Deixando de ser uma mera coordenada da ação, nestas obras o espaço assume o carácter de paisagem, ao tornar-se, por si, o alvo central do olhar. Se isto já era perceptível nos filmes citados, em *Chuva...*, este aspeto ganha uma nova dimensão. Não é a paisagem colonial, nem colonizada, é um espaço que traduz uma outra relação entre humanidade e natureza. E, em

¹¹ Mendes, José Vieira (2015) – Entrevista a João Salaviza, 18 de novembro. Revista *Visão*, idem.

Salaviza, as criaturas que se movem nesses espaços são peculiares, muitas vezes alheadas da deslocação e do espaço circundante.



Fotograma: *Montanha*

A investigadora Helena Pires cita novamente Antonioni, e o seu *Deserto Vermelho*. Como a câmara de Vertov, também a câmara de Salaviza parece querer observar as coisas, como um microscópio ou um telescópio, assumindo-se como arte e ciência social. Aliás, João Salaviza revela que mostrar a arquitetura é um objetivo claro e fundamental no seu cinema, nunca sendo mais ou menos importante do que mostrar um corpo. Ou seja, há momentos em que as casas, os espaços urbanísticos são filmadas com o mesmo intuito com que se filma uma personagem. Nos interiores, o realizador faz questão de deixar os espaços respirar ou de serem respirados por quem os lê e por quem os absorve, através de planos fechados, longos e sós, sem ninguém, fisicamente, mas cheio das pessoas que lá vivem, na loiça que ficou por lavar ou na roupa que ficou por arrumar. Mediante o ponto de vista do cineasta aquilo que mais interessa é sentir que «(...) [os espaços] têm uma história por trás e que têm camadas arqueológicas, emocionais, (...) conseguir olhar para o espaço vazio e sentir ressonâncias de outros tempos e outras pessoas que viveram ali ou continuam a viver»¹², estabelecendo ligações fundamentais entre o corpo e o chão, a terra.

¹² Parracho, Mariana Ligeiro (2016) - *A Melancolia na arquitetura a partir do cinema português*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Coimbra: FCTUC. P. 283 e p. 293.



Fotogramas: *Arena e Montanha*

Nessa relação com o meio, observamos um princípio de afastamento relativamente à autoridade: as instituições que a simbolizam manifestam-se frequentemente em extraordinários planos que jogam com o fora-de-campo (em *Rafa*, *Montanha* e em *Chuva...*, apenas para citarmos três exemplos), representando claramente o conflito do indivíduo com uma entidade exterior.



Fotogramas: Rafa

Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos (2018) é um filme que surge após *Montanha* (2015), *Altas Cidades de Ossadas* (2017) e *Russa* (2018), realizado com Ricardo Alves Júnior. Com *Montanha* (2015), Salaviza afirmou que sentiu vontade de sair de um determinado sistema de produção, deixou a zona de conforto (Lisboa) onde já tinha testado contar narrativas sobre a adolescência e o corpo, e partiu para uma nova experiência. Embora *Altas Cidades de Ossadas* e *Russa* sejam duas obras importantes, em que uma determinada linha estética surge associada a evidentes preocupações culturais e sociológicas (o universo da música de Karlon, do Rap, do crioulo, e da desterritorialização, no caso de *Altas Cidades...*) e políticas (*Russa* debruça-se sobre a gentrificação das cidades, a partir do interior do bairro do Aleixo, no Porto), *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos* rasga um caminho novo. Como assinalou Daniel Ribas, esta deslocação para uma comunidade exterior evoca semelhanças inesperadas: em 1975, também António Reis e Margarida Cordeiro se deslocaram para uma comunidade no norte de Portugal, distante da capital portuguesa e das preocupações políticas imediatas.¹³ Partindo de pressupostos internos já amadurecidos, Salaviza também parte, e aponta para uma consistente e silenciosa busca interna, como se a sua obra se afirmasse como um só filme.

¹³ Ribas, Daniel – ‘Na Terra dos outros’ – *Jornal Público*, 8 de março de 2019. https://www.publico.pt/2019/03/08/culturaipilon/cronica/terra-1864313?fbclid=IwAR1Z9TXE5UjQk1sBYp2BA804-B_7MrR4OXmioxHfhBFqd5GHZt0b_1VpnDU



Fotograma: *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos*

Chuva... promove um debate político: a sobrevivência das culturas indígenas, num quadro de sustentabilidade do nosso mundo; a história do apagamento de um idioma e de uma cultura face à cultura dominante; o grau de participação das mulheres na vida comunitária dos Krahôs, como parte integrante dos processos coletivos; noutra plano, a relação da vida com a morte junto da comunidade Krahô, por oposição direta às vivências do Ocidente. E esta consciência da intervenção política fica bem expressa num texto recente, intitulado *Exorcismos*, que J. Salaviza publicou no *Jornal Público*¹⁴. Em síntese, *Chuva...* é uma afirmação da resistência de um Brasil que sempre existiu e que tem sido longamente usurpado¹⁵.

¹⁴ Salaviza, João – ‘Exorcismos’. In: *Jornal Público*, 19 outubro 2018. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2018/10/19/culturaipilon/cronica/exorcismos-1847738>

¹⁵ Dib, André (2018) - Pílulas Críticas – Um filme de raiz [“Chuva é cantoria na aldeia dos mortos”, João Salaviza e Renée Nader, Brasil/Portugal, 2018]

– Disponível em: <https://pilulascriticaspainorama.wordpress.com/2018/11/17/um-filme-de-raiz-chuva-e-cantoria-na-aldeia-dos-mortos-joao-salaviza-e-renee-nader-brasil-portugal-2018/>



Fotograma: *Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos*

Com uma história que tem de ser bem contextualizada em diversos estudos pós-coloniais, a temática específica dos povos indígenas do Brasil é complexa, como bem viu Ricardo Vieira Lisboa¹⁶. O filme pode e deve ser visto em diálogo e contraponto com a visão cultural dominante sobre os povos indígenas, que os cineastas combatem¹⁷, com a mais recente produção acadêmica na área, e também com outras obras do cinema português que abordam, sob os mais diversos ângulos, questões mais gerais de alteridade relacionadas com representações sobre a colonização/colonizadores ou com perspectivas mais próximas dos povos indígenas ou ainda com os resultados mais recentes do fenómeno da descolonização: *Non, ou a Vã Glória de Mandar* (1990), de Manoel de Oliveira; *Palavra e Utopia* (2000), de Manoel de Oliveira; *A Costa dos Murmúrios*

¹⁶ «Filmar os povos indígenas (brasileiros ou de outras partes do mundo) envolve sempre um processo de intenções complexo que se relaciona com as questões da alteridade, do olhar possivelmente “exoticizante”, da perspectiva exterior da câmara, a possível perversão e apropriação do “lugar de fala” dos indígenas, do perigo da excessiva “antropologização” essencialista dos rituais ou da redução daquelas pessoas a bandeiras de causas que lhe são estranhas ou a totens de uma certa ideia de ancestralidade new age (para não referir os casos de mera ignorância racista, quando os indígenas são representados apenas como povos primitivos e perigosos assassinos canibais).». In: Lisboa, Ricardo Vieira (2018) - Festival do Rio 2018: algumas notas sobre cinema brasileiro. Disponível em: <http://www.apaladewalsh.com/2018/11/festival-do-rio-2018-algumas-notas-sobre-cinema-brasileiro/>

¹⁷ «O olhar romântico sobre o mundo indígena segue uma proposta ideológica que está inscrita até hoje no discurso hegemónico ocidental: o índio brasileiro é visto e representado com um fóssil que não saiu do século XVI nem da floresta. Como se a figura e o fundo fossem um só. Uma paisagem, desprovida de subjetividade. (...) A cultura Krahô lida bastante bem com uma ideia de continuidade: quer dizer, o mesmo rapaz que joga um videogame na cidade, também percorre o mundo dos espíritos; a mesma figura que busca uma solução na medicina ocidental, também procura um pajé para o curar. Tentámos que o filme, através da história do Ijhãc, afirmasse também que a cultura Krahô habita a mesma contemporaneidade que a gente.» Entrevista a Marcelo Cordero Q., *Sobre os outros: conversa com Renée Nader e João Salaviza. Entrevista com os diretores sobre seu filme Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos*. Sem data. Disponível em: <https://cinemadefronteira.com.br/sobre-os-outros-conversa-con-renee-nader-e-joao-salaviza/>

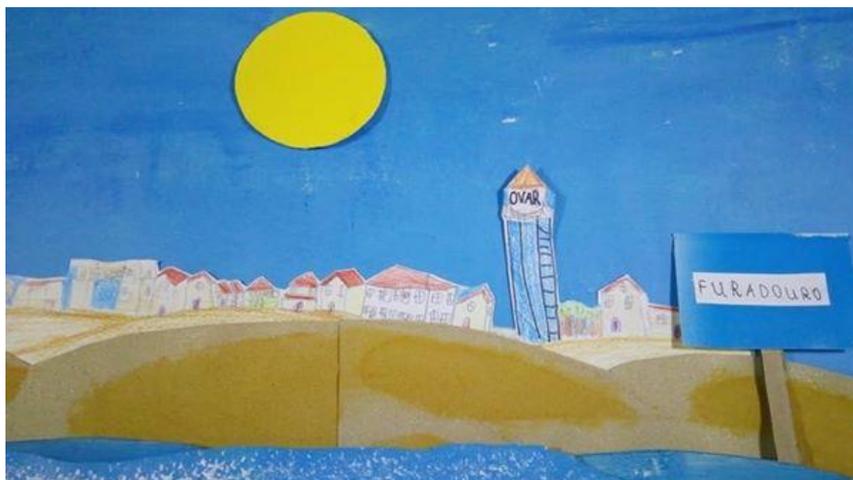
(2004) e *Yvone Kane* (2014), de Margarida Cardoso; *Deus não Quis* (2007), de António Ferreira; *Alda e Maria, Por Aqui tudo Bem* (2011), de Pocas Pascoal; *20,13 – Purgatório* (2013), de Joaquim Leitão; *Tabu* (2012), de Miguel Gomes.

Em jeito de conclusão, no cinema de Salaviza encontramos um lado herzogiano, na relação que o homem estabelece com a natureza, no sentido de que a beleza não sai apenas da harmonia, e se encontra na ligação com a ameaça, a dor, o medo que se instala em relação ao real e, no caso de *Chuva...*, o medo inicial/resistência aos duplos ou projeções, os *carõ* (como o espírito personificado na arara que perturba Ihjãc Krahô, o jovem protagonista). Mas também intuímos um lado tourneuriano, na capacidade de o ser humano interagir com o mistério do silêncio e com que está para lá do visível, como Renée Nader e João Salaviza nos expõem, a propósito da comunidade Krahô. Voltando a citar José Tolentino de Medonça, precisamos todos de uma iniciação urgente ao silêncio¹⁸ e, nessa medida, o filme *Chuva...*, mostrando-nos a capacidade de revisitar os territórios do silêncio e fazer deles lugares de troca, de diálogo e de encontro, não pode deixar de constar como obra fundadora de uma iniciação a essa matéria insondável e profunda denominada silêncio.

Elsa Mendes, Coordenadora do Plano Nacional de Cinema

¹⁸ Mendonça, J. Tolentino de (2014) – *O Hipopótamo de Deus – Quando as perguntas que fazemos trazem mais do que as respostas provisórias que encontramos*. Lisboa, Edições Paulinas, pp.45-6.

PROJETOS COM CINEMA NOS PLANOS DE ATIVIDADES DAS ESCOLAS



PROGRAMA CRIANÇAS PRIME1Rº

O Crianças Prime1rº é um programa da iniciativa do Serviço Educativo CINANIMA, com o apoio da Direção Geral de Educação – Plano Nacional de Cinema, dirigido

a crianças do 1º ciclo do ensino básico, com o objetivo de proporcionar o contacto com a animação de imagens através da realização de filmes de animação em contexto educativo. A sua missão inclui a promoção da literacia fílmica, a contribuição para o sucesso escolar dos alunos através da articulação dos diferentes saberes, o fomento de uma atitude positiva relativamente à aprendizagem, a promoção da cidadania como ferramenta essenciais aos processos de ensino e de aprendizagem, e, finalmente, o contributo para uma interação

positiva entre os alunos, professores e restante comunidade educativa.



No ano letivo 2018-19, o programa está a ser implementado no Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira (Espinho), no AE Dr. Manuel Gomes de Almeida (Espinho) e no AE de Ovar Sul, sob coordenação do Professor João Católico, e as várias fases de implementação do processo têm sido organizadas com grande entusiasmo por parte dos jovens intervenientes. A primeira fase o projeto teve início em janeiro de 2019, e envolve 82 alunos dos agrupamentos referidos. Durante esta fase, conforme nos indicou o professor João Católico, os alunos conheceram e criaram brinquedos óticos, desenvolveram uma história para animar, e já iniciaram o processo de construção de cenários e a animação de algumas sequências.



Imagens de diversas fases de implementação do *Crianças Prime1rª*- 2018-19. Créditos fotográficos: João Católico/ CINANIMA

OFICINAS DE CINEMA DE ANIMAÇÃO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE AMARANTE

Para além de um vasto programa de atividades na área do cinema que temos divulgado por diversas vezes, a Escola Secundária de Amarante tem vindo a implementar um projeto novo, ambicioso e extremamente “animado”, conforme nos reportou Elsa Cerqueira (coord. da equipa PNC da ESA), e que está a ser orientado por Abi Feijó, da Casa Museu de Vilar. O projeto é da responsabilidade da Casa Museu de Vilar, tem as parcerias do Instituto de Cinema e Audiovisual (ICA), da Câmara Municipal de Amarante e do PNC da ESA. Visando envolver um número cada vez mais significativo de alunos no gosto pelo cinema de animação, o projeto integra estudantes de áreas diversas, como Artes Visuais, Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades, e os professores Manuel Silva, Lúcia Tomáz, Mário Peixoto e

Elsa Cerqueira. Trata-se, sem dúvida, de uma extraordinária e inédita proposta pedagógica de divulgação do cinema de animação, que têm como público-alvo as escolas, e que, esperamos, possa frutificar e chegar a mais comunidades educativas!





Créditos fotográficos: *Os Filhos de Lumière*/ Associação

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GABRIEL PEREIRA – EB ANDRÉ DE RESENDE (ÉVORA)

O AE Gabriel Pereira tem desenvolvido um plano de atividades em parceria com a Associação *Os Filhos de Lumière*, e , de entre as ações dinamizadas, destacamos a realização de uma Oficina de cinema no âmbito do Programa *Cinema - Cem Anos de Juventude*, dinamizado pela associação referida. É grande a entrega destes jovens às atividades propostas, conforme nos reporta a Dra. Cristina Maia (coord. da equipa PNC a nível de escola), a quem agradecemos a partilha da informação e todo o empenho depositado na implementação dos projetos cinematográficos no AE Gabriel Pereira! Obrigada também à Associação *Os Filhos de Lumière* pelo trabalho que tem desenvolvido em Évora.



**OFICINAS DOCS 4
KIDS - PROJETO
EDUCATIVO
APORDOC**

Inserida na programação da Mostra Ameríndia - Percursos do Cinema Indígena no Brasil, o Projeto Educativo Apordoc vai realizar no próximo dia 16 de março, pelas 11h., uma das suas **Oficinas Docs 4 Kids**, baseada em filmes da coleção Cineastas Indígenas para Jovens e Crianças, no

âmbito do projeto Vídeo nas Aldeias. Nesta oficina serão abordadas questões relacionadas com emoções, medos e expectativas. A formação destina-se a crianças dos 8 aos 11 anos, tem a duração de 2h, e a formadora é Cláudia Alves. A sessão terá lugar no Espaço Serviço Educativo, Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna, e é **gratuita**.

Inscrições: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf3ycS_SfZOTb1-2GrEbSsCHY7YtILgEolzvexjBBPvX11MOQ/viewform
Informações: Sara Marques <https://projecto-educativo-apordoc.tumblr.com/> projecto.educativo@apordoc.org

Créditos fotográficos - APORDOC



Créditos fotográficos: Cinemateca Júnior.

CINEMATECA JÚNIOR - A Cinemateca Júnior é um serviço da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, criado em 2007, e direccionado para os espectadores infantis e juvenis.

De Segunda a Sexta-Feira, a Cinemateca Júnior funciona preferencialmente para as escolas. Ao público escolar este serviço oferece diversas actividades, de acordo com as faixas etárias de quem o visita, com o objectivo único de transmitir o gosto pela arte cinematográfica.

Para mais informações:

<http://www.cinemateca.pt/cinemateca-junior.aspx>



AE MOINHOS DA ARROJA (ODIVELAS)

O AE de Moinhos da Arroja tem vindo a desenvolver um plano de atividades cinematográficas diversificadas para os seus alunos, estabelecendo diversas parcerias, das quais destacamos a que envolveu, no passado dia 20 de fevereiro, 120 alunos do 8º ano e 7 professores, que visionaram, a nível de escola, o filme *Mediterrânea* (2015), de Jonas Carpignano. Conforme informação que recebemos através da Professora Isabel Silva (coord. da equipa PNC a nível de escola), «a projeção do filme foi uma ocasião definidora de um percurso metodológico que envolve as disciplinas de Geografia e Português, a Biblioteca Escolar e o PNC Escolar» e que tem como «momentos estruturantes:

- i) a exploração da obra *Diário de um Migrante*, de Maria Inês Almeida, e ilustrada por Ana Sofia Gonçalves a partir de uma animação da autoria das professoras da Biblioteca escolar;

ii) projeção de filme *Mediterrânea* (2015), de Jonas Carpignano, escolhido por permitir aprofundar a problemática das migrações no contexto europeu e regional e contactar com uma narrativa que se constrói numa linguagem quase documentarista e simultaneamente não explicativa, que deixa ao espectador a liberdade e a tarefa de interpretar.

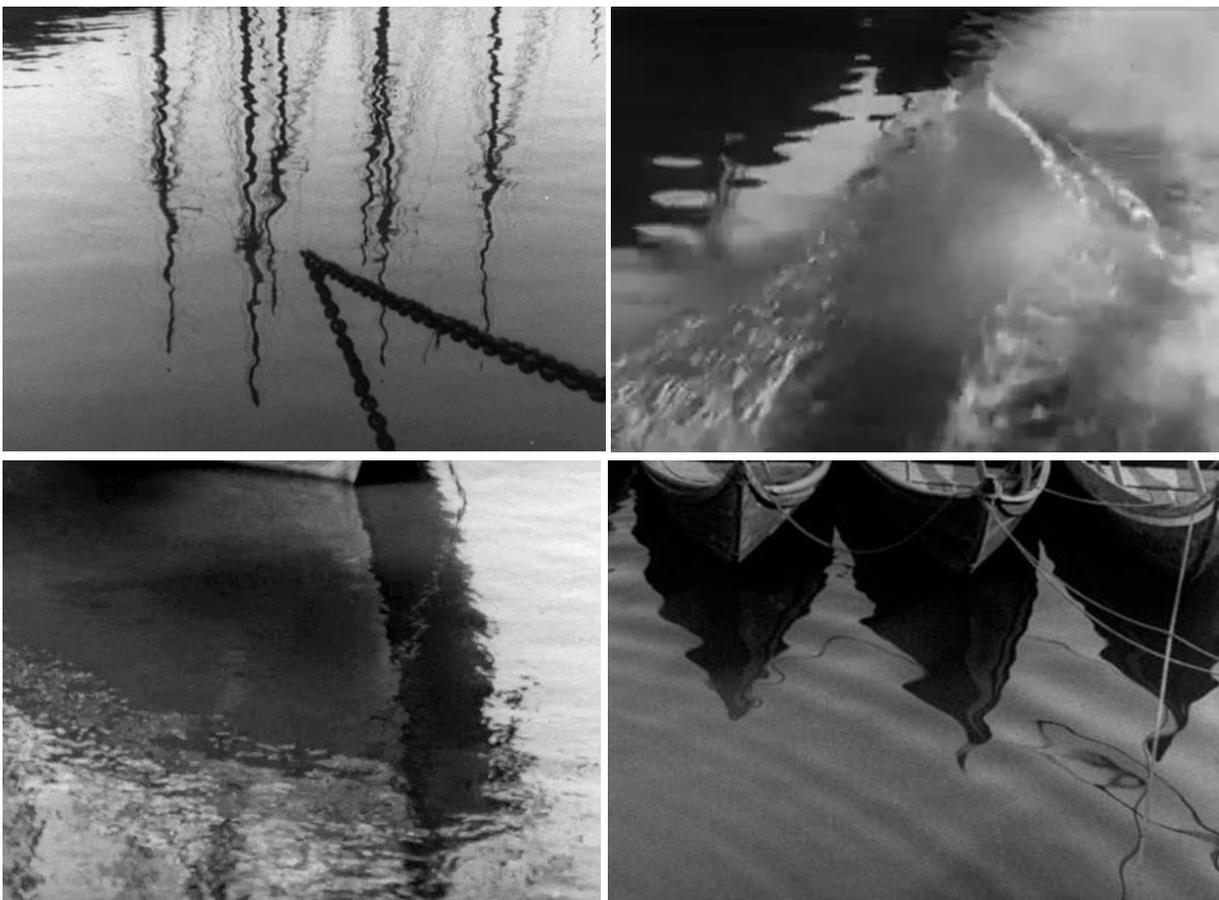
iii) a participação ativa em debate, enriquecida com folha de sala e recursos digitais noticiosos. »

A Professora Isabel Silva destacou ainda que «para além das aprendizagens disciplinares, este percurso desafia os alunos a produzir um texto autobiográfico – diário ou memórias – onde o aluno se coloca na perspetiva de uma das personagens e expressa um dos momentos vividos. Estes textos alimentarão a continuação da atividade de animação, integrando os trabalhos dos alunos.»



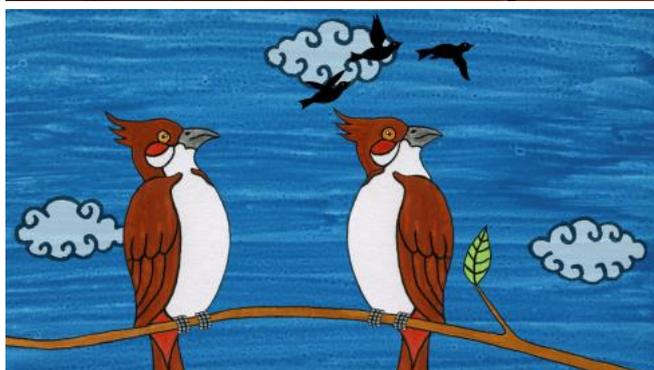
Créditos fotográficos: AE Moinhos da Arroja

AE CIDADE DO ENTRONCAMENTO – Neste agrupamento de escolas, a equipa do PNC promoveu uma iniciativa denominada *Um Realizador, Um Filme*, e o mês de fevereiro foi dedicado ao cineasta português Manoel de Oliveira (1908-2015). Integrando a exposição «Por Terras do Vinho do Porto», o ciclo de cinema intitula-se *O Douro na obra de Manoel de Oliveira*. A referida exposição de trabalhos resultou da participação dos alunos do 11.º e 12.º Anos numa visita de estudo no âmbito da disciplina de Geografia, e o ciclo de cinema decorreu entre 25 de fevereiro e 7 de março, incluindo títulos como: *O Estranho Caso de Angélica*, *Aniki-Bóbó*, *Porto da Minha Infância*, *O Pintor e a Cidade*, e um ciclo especialmente dedicado à região do Douro, onde se destacam as projeções de *Douro*, *Faina Fluvial* (Manoel de Oliveira), *Barcos Rabelos* (Adriano Nazareth) e *As Horas do Douro* (Joana Pontes). Agradecemos a toda a equipa do PNC a nível de escola, em particular à Dra. Maria João Caetano (coord. da equipa).



Fotogramas de *Douro, Faina Fluvial* (1931), Manoel de Oliveira

O CINE-ECO EM AMARANTE: UMA PARCERIA QUE ENVOLVEU CENTENAS DE ALUNOS!



ESCOLA SECUNDÁRIA DE AMARANTE - Há um número crescente de escolas que têm vindo a solicitar extensões do **CineEco – Festival Internacional de Cinema Ambiental da Serra da Estrela**. No passado dia 1 de março realizou-se no Cineteatro Teixeira de Pascoaes uma extensão resultante da parceria do CineEco com o Cineclub de Amarante e com a ESA. Estiveram presentes cerca de 200 de alunos do 7.º ao 12.º ano, que visionaram dez curtas-metragens de animação. As atividades foram implementadas no quadro do PNC da ESA, e o debate contou com a presença do Diretor do CineEco, Dr. Mário Branquinho, a quem

agradecemos, bem como a Elsa Cerqueira (coordenadora da equipa a nível de escola)!

Imagens: Sessão de Cinema no Cineteatro Teixeira de Pascoaes. Créditos fotográficos: Elsa Cerqueira/ESA/PNC

Fotogramas de *Um Amanhã Azul* (2017), de Numan Ayaz e de *Sister of the Wind: a visual poem* (2017), Patrick Jenkins



FICLO - FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E LITERATURA DE OLHÃO

- Este novo festival vai decorrer de 4 a 13 de abril, em diversos espaços de Olhão. Trata-se um festival dinamizado pelo Cineclube de Tavira e pela Câmara de Olhão, com o apoio do “365Algarve”, sob responsabilidade de Débora Pinho Mateus e Candela Varas.

O evento aborda a dimensão literária do cinema, e vice-versa, assentando num formato de competição internacional, no âmbito da qual serão exibidos dez filmes. Destacamos ainda um ciclo dedicado a Kira Muratova e outro ao cinema sueco, entre muitas outras atividades. Está prevista uma forte presença de escritores (**Alexandra Lucas Coelho, Gonçalo M. Tavares, Nuno Moura e Candela Varas**) que irão comentar obras fílmicas de Mário Peixoto, Murnau e e Aki Kaurismäki, respetivamente

Fotogramas: *Limite*, de Mário Peixoto; *Tabu*, de Murnau; *Juha*, de Kaurismäki

Para mais informações:

https://www.sulinformacao.pt/2019/02/cinema-e-literatura-juntam-se-e-ate-se-degustam-em-olhao/?fbclid=IwAR2952zhXP4Ee3PV_he9R5otc35V1h71_aEHWGDDoEeJbenkwunBst1



CINEMA PARADIGMA - *O Mistério do Quarto Escuro* – o cinema contado às crianças é um conto infantil publicado em 2017 pelo Cineclube de Avanca, da autoria de Mariana Bento Lopes e com ilustrações executadas por Cibele Saque. O livro está na origem do projeto **Cinema Paradigma** e tem sido apresentado em diversas escolas do país com o objetivo de motivar os mais jovens para o universo da cinefilia.





Imagens: Sessões nas escolas com a presença de Mariana Bento Lopes. Créditos fotográficos: CINEMA PARADIGMA.

Para mais informações contactar:

http://www.cinemaparadigma.pt/?fbclid=IwAR0qsfjGqDEDpBI7Ny_3hkVaN2kZEzp5OUQnXYe0KhHMAhsVsctClycxMoQ

A todas as equipas do PNC a nível de escola, solicitamos que enviem para o endereço pnc@dge.mec.pt imagens e outros documentos que possam servir para divulgarmos as vossas atividades.

O nosso obrigado a todos!

A Equipa

